
CENAS DO RECÔNCAVO: a decadência senhorial na literatura de Anna Ribeiro (1843-1930)

Marcelo Souza Oliveira
Mestrando em Estudo de Linguagens pela UNEB

RESUMO: Esse artigo objetiva analisar a obra de Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930), em especial as produções da década de 1910. Um cruzamento entre os três contos e os romances produzidos nesse período, sobretudo *Letícia* (1908a), nos leva a conclusão de que havia uma obsessão da escritora em contar a história da decadência da elite açucareira e escravocrata do Recôncavo baiano, numa perspectiva paternalista. As histórias, as personagens e até mesmo o ambiente que contextualiza as tramas são permeadas por estratégias simbólicas com as quais a autora buscava demonstrar a visão senhorial desse momento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: história, literatura, Anna Ribeiro.

ABSTRACT: That article aims at to analyze the work of Anna Ribeiro of Araújo Góes Bittencourt (1843-1930), especially the productions of the decade of 1910. A crossing between the three stories and the romances produced in that period, above all *Letícia* (1908a), in the group the conclusion that there was an obsession of the writer in counting the history of the decadence of the sugar elite and slavocrat of the Bay area from Bahia, in a paternalist perspective. The histories, the characters and even the landscapes that adapt the plots they are permeated by symbolic strategies with which the author looked for to demonstrate the elegant vision of that historical moment.

ABSTRACT: history, literature, Anna Ribeiro.

Ao abrir o *Jornal de Notícias* do dia 19 de novembro de 1906, o leitor iria se deparar com o primeiro capítulo de mais um folhetim, um conto, intitulado *Violeta & Angélica*:

Corria o ano de 1888.

Era um domingo. Na varanda de sua vivenda campestre, passeava o Sr. Alfredo Bastos, com ar triste e preocupado, em contradição com sua fisionomia, habitualmente calma e prazenteira.

Era um homem de quarenta e tantos anos, cheio de corpo, abdômen um pouco desenvolvido, fronte serena, porque ele se aproximava da velhice, a percorrer uma estrada, larga e plana, apenas interrompida, de longe em longe, por uma moita de espinhos, porque essas nunca deixam de existir no percurso da vida.

De vez em quando parava sofrendo a vista em redor de sua propriedade rural, bem cuidada e florescente.

Não era um engenho, mas uma fazenda onde cultivava de tudo, inclusive a cana, que era moída em um engenho vizinho.

A casa de morada vasta e cômoda, sem ostentar construção, era confortável e alegre.

Ao lado havia uma casa tosca onde se via o aparelho próprio para fabrico da farinha de mandioca, depósito de cereais, de fumo, etc. Do outro lado, um curral, tendo num dos ângulos uma pequena casa para prender os bezerros, fazia supor pela vastidão, a grande quantidade de vacas que ali eram conduzidas para fornecer leite, essa primorosa alimentação, que tanta abundância proporciona as casa campestres.

No fundo da vivenda, um vastíssimo pomar, repleto de laranjeiras e outras árvores frutíferas, promovia também a abundância e regalo da família.

O que, pois, dava causa às apreensões do bom lavrador?

É que se dera o golpe de estado, abolindo a escravidão ao Brasil, e ele temia pelos resultados já apreciados, ver a sua propriedade cair em decadência, pela falta de braços, e sua família querida experimentar as privações a que não estava habituada.

Não é que o Sr. Alfredo Bastos fizesse coro com os espíritos incultos, infelizmente numerosos na classe dos agricultores, que exasperados maldiziam a princesa, os ministros e todos os homens de estado que não se haviam oposto a tão clamorosa injustiça, como classificavam eles tal medida. Não faltava a ele regular cultura, para reconhecer que é este o mundo das compensações e que devia chegar à vez dos oprimidos, livres do jugo, (embora sem capacidade para oprimir), desforrarem, por meio de represálias, pirraças e todas essas vingançazinhas mesquinhas, que tanto enraiveciam os antigos dominadores.

Muito sono, passado a sesta em macia rede, foi nesse tempo abolido!... Muita frente lisa foi então sulcada pelas rugas dos cuidados!...

Era preciso entrar na luta da vida (BITTENCOURT: 1906).

Nas páginas desse jornal soteropolitano, achavam-se informações dos mais variados tipos: anúncios de compra e venda, textos publicitários, notas de falecimento, notícias sobre a Bahia, o Brasil e o Mundo. Mas eis, que, no rodapé das folhas daquele pasquim estava uma das publicações da escritora e ex-senhora de engenho Anna Ribeiro de Araújo Góes Bittencourt (1843-1930) ¹. Dona Anna contava com 63 anos de idade no ano dessa publicação, e já havia publicado em outros periódicos e em forma de livro aproximadamente cinco obras literárias, desde 1882, ano de sua primeira publicação. A estratégia do jornal era diversificar a sua clientela. O público alvo do folhetim de D. Anna era justamente as senhoras e moças da elite baiana.

¹ A autora assinava suas obras apenas como Anna Ribeiro. D. Anna assinava o sobrenome da mãe em seus textos o que não era normal em sua época. O fato de não escrever nem o nome do marido, nem o do pai pode ter muitas explicações, uma delas diz pode estar ligado ao orgulho e respeito que tinha pelo Bisavô - Major Pedro Ribeiro – ao qual dedicou o primeiro volume do seu livro de memórias. Outra poderia ser em decorrência da enorme consideração e respeito que tinha pela mãe – Anna da Anunciação Ribeiro – que dizia ser uma “santa”. Assim, daqui para frente será usado o nome que ela assinava em suas obras.

Violeta & Angélica retrata a história das famílias senhoriais nos fins do século XIX². A partir da trajetória dela e de sua família no engenho Api³, nos arredores de Santana do Catu⁴, no Recôncavo baiano, ela recria o ambiente para expor a sua visão sobre o comportamento das jovens integrantes da elite baiana ante aos “tempos difíceis”. As intenções da autora eram aparentemente bem definidas: instruir e orientar as suas patricias, expondo modelos de comportamento (ex)implícitos em suas obras.

Simultaneamente às intenções moralistas, a literatura em Anna Ribeiro detém um caráter autobiográfico e histórico. Ela conta as desventuras e decadência da elite senhorial baiana nos fins do século XIX e início do século XX, a partir dos referenciais vividos em sua própria família. Dois anos depois da publicação de *Violeta & Angélica*, na dedicatória do romance *Letícia*, dedicada a sua prima, Joana de Araújo Góes, ela enfatiza essa questão: “Acharás, porém, princípios de sã moral, bons exemplos tirados de fatos, nem todos imaginários e sim colhidos nas experiências e na observação” (BITTENCOURT, 1908a: p. 1).

Em Anna Ribeiro, o imaginário e o real se misturam numa combinação inseparável, que impede o leitor de saber onde termina a realidade e onde começa a imaginação. Nesse aspecto, sua literatura pode ser lida como uma memória autobiográfica que revela os mais profundos sentimentos e ressentimentos, não só dela, mas também de uma parte da fração da sua sociedade: a decadente elite senhorial do Recôncavo baiano. A ficção para Anna Ribeiro assume também um caráter catalítico, onde ela se sente à vontade para dizer o “indizível”, adotando um discurso nostálgico em que um “tempo de glórias” é suplantado pelos infortúnios sociais e econômicos nas décadas subseqüentes ao pós-abolição. Esse é o tema central desse artigo.

I

Quase esquecida, mesmo na cidade que ela considerava como sua cidade natal [Catu-Ba], a autora foi lembrada por vários estudiosos ao longo do século XX, principalmente após a publicação em 1992 do seu livro de memórias intitulado *Os longos*

² Excetuam-se *A filha de Jephthé* (1882) e *Abigail* (1921), que foram inspirados nas histórias bíblicas. Essas duas obras são, respectivamente, a primeira e a última obra publicada pela autora.

³ O Engenho Api foi comprado em 1855 do senhor Hermenegildo de Azevedo Monteiro, por Mathias de Araújo Góes e Pedro Ribeiro de Araújo [pai e avô materno de Anna Ribeiro]. Foi herdado por Anna Ribeiro e pelo marido após a morte do seu pai. O engenho foi transformado em fazenda logo após a abolição da escravatura e está no poder dos descendentes de D. Anna até os dias hoje. (CABRAL, Anna Mariani Bittencourt. Datil. S/D).

⁴ Santana do Catu é um município situado no Recôncavo Norte do estado da Bahia emancipada em 26 de junho de 1868. A cidade é hoje conhecida apenas com nome de Catu.

serões do campo, organizado e patrocinado pelos seus descendentes. Nesse ano, chegou a figurar como um dos livros mais vendidos⁵. A partir dessa publicação, muitos pesquisadores contemporâneos puderam conhecer e utilizar os escritos de Anna Ribeiro em suas pesquisas. No entanto, a sua ficção ainda continuou praticamente no anonimato.

Dito isso, foram localizados apenas dois trabalhos que versavam sobre a literatura de Anna Ribeiro. O mais significativo deles é a dissertação de Nancy Rita Vieira Fontes, *A bela esquecida das letras baianas* (1995). Essa pesquisadora se propõe a fazer um resgate e análise da produção literária e paraliterária de Anna Ribeiro, na perspectiva dos estudos de gênero. O trabalho de Nancy Fontes destaca a produção literária de uma mulher num momento em que esse campo intelectual era tradicionalmente ocupado por homens. Ela estabelece um diálogo entre a literatura de Anna Ribeiro e os estudos de gênero. Com a intenção de “resgatar” a obra de Anna Ribeiro, ela faz uma sistemização da sua produção, tecendo considerações sobre o tom moralizante das narrativas.

Outro pesquisador que menciona a produção literária de Anna Ribeiro é Walter Fraga Filho em seu livro *Encruzilhadas da liberdade*. Numa rápida alusão a obra de Anna Ribeiro, o autor analisa tangencialmente o testemunho histórico em *Letícia* (1908a),

[...] o drama pessoal de *Letícia* funde-se com o próprio declínio da “aristocracia do açúcar, classe à qual autora e personagem pertenciam. Escrito por alguém que viveu os momentos tensos que se seguiram à abolição, o romance revela os dramas particulares de senhores de engenho que sucumbiram financeiramente após a perda da mão-de-obra escrava. E, mais do que isso, constitui um testemunho histórico importante de quem viu o fim da escravidão por dentro do alto das casas-grandes (FRAGA FILHO, 2006, p. 134).

O autor capta em rápidas páginas um pouco do testemunho histórico presente em uma das narrativas de Anna Ribeiro. Walter Fraga Filho também evoca a história de *Letícia* para referir-se a decepção dos senhores ante o comportamento “reprovável” de seus antigos trabalhadores. O autor ressalta que “Bittencourt [Anna Ribeiro] foi perspicaz em recriar os traumas dos ex-senhores a se ver privados dos serviços e comodidades proporcionadas pela posse de escravos e escravas” (FRAGA FILHO, 2006, p. 136). Sua análise sobre *Letícia* deixou de fora, porém, alguns detalhes cruciais acerca da questão das relações senhor escravo, como será visto no segundo capítulo desse trabalho.

Um levantamento da bibliografia produzida acerca da autora, no decorrer do século XX, revela a mesma carência da atualidade acerca do estudo da produção literária de Anna

⁵ Na edição de 28 de setembro de 1992, o jornal *A Tarde*, indicou *Os longos serões do campo* como um dos dez livros mais vendidos da Bahia, na categoria não ficção. (*A Tarde*, 28 set. 1992. Caderno 4, p.11).

Ribeiro: houve alguns biógrafos de Anna Ribeiro, mas, nenhum analisou ou discutiu profundamente a sua produção literária. Contudo, na sua quase inexplorada produção literária é que está a sintonia fina do seu testemunho histórico, uma vez que na ficção ela sentiu-se mais livre para falar de temas que não foram abordados em sua autobiografia, como no caso do ressentimento da elite em relação a sua situação no pós-abolição. A literatura vai dar voz à autora para registrar suas percepções acerca da decadência da elite senhorial do Recôncavo, à qual pertencia sua família. Ela vai contar na literatura aquilo que não contou em suas memórias.

O cruzamento entre as memórias e a sua produção literária permite afirmar que existiu um jogo de “revela e esconde” entre as duas formas de expressão: enquanto as memórias estão destinadas a contar a sua infância e juventude, que “coincidem” com “os bons tempos” da sua família; na literatura – sobretudo a que foi produzida na década de 1910 –, estão registrados os “momentos difíceis”, e a posição da elite senhorial baiana ante as situações de “infortúnio”. Embora reconheça e “atue” como “escrevente” em suas memórias e como “escritora” nos seus contos e romances, nos dois casos estão evidentes a história da saga das famílias senhoriais em seu apogeu e declínio. Uma leitura em paralelo entre memórias e obras literárias e o cruzamento com a produção histórica sobre o período revelam a biografia de uma ex-senhora de engenho e sorte – digo azar – do seu grupo social.

Ângela de Castro Gomes afirma que o surgimento da produção biográfica moderna se deu na Inglaterra, com o aparecimento, na literatura, do romance moderno. Isso se acentuou com a emergência da figura de um cidadão moderno, dotado de direitos civis [no século XVIII] e políticos [no XIX] (GOMES, 2004, pp.11-12). As origens das biografias modernas estão intimamente entrelaçadas ao surgimento do romance.

Leitora assídua dos romances europeus e admiradora declarada de figuras como Rousseau, Racine e Balzac⁶, Anna Ribeiro busca a construção de uma identidade para si e para os seus num momento de crise. Ela vai buscar na escrita de si, o fio condutor para a sua própria identidade. O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas, os indivíduos modernos podem construir uma identidade para si, cujo sentido passa a ser alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida, e a de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado há muito tempo, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto, para o entendimento

⁶ A referência acerca dessas leituras é feita pela própria Anna Ribeiro no prefácio do Romance *A Filha do Jephthé* (BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Araújo Góes. *A filha de Jephthé: romance tirado da Escritura Sagrada*. Salvador: Tipografia À Rua da Alfândega, 1882).

dessa conduta é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais: “se o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, a idéia de que a vida é uma história é muito recente” (GOMES, 2004, pp.11-12).

Sendo assim, a questão central na análise das duas produções autobiográficas da Senhorinha do Api não está “no contar o fato como realmente aconteceu”, como pretendia ela em suas memórias. As duas modalidades de autobiografia são ao mesmo tempo “representações” da autora como formas de materializar uma identidade que quer consolidar; e um lugar onde ela se “inventa” no próprio texto, sendo sua sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora. As duas formas de escrita de si guardam aproximações e distanciamentos, mas suas finalidades são as mesmas. Porém, uma questão se evidencia e deve ser salientada aqui: os mecanismos de aceitação social da escrita. Esse detalhe é que define, para a escritora, a separação entre a verdade e a ficção, entre a sua postura enquanto escrevente da “verdade”, e escritora da “ficção”. Define também o que deve ser escrito em suas memórias e o que deve se inscrever em sua literatura. Esses mecanismos de aceitação evidenciam a existência de duas biografias da autora: uma autorizada pelos mecanismos de aceitação social, e a outra uma espécie de biografia subterrânea, “uma biografia rebelde”, nas palavras de Ecléa Bosi (1994).

Assim, compreende-se melhor o porquê de em *Longos serões do campo* a autora se debruça sobre momentos de glória da elite, enquanto em sua prosa – sobretudo nas publicações da década de 1910 –, tem-se uma verdadeira fixação pela escrita da decadência dessa mesma elite. É nesse sentido que a escrita de si se torna uma prática cultural estratégica para um equilíbrio, sempre precário, entre expressão e contenção de si, que se traduz na distancia entre autor e personagem do texto, e que se manifesta nas muitas fórmulas consagradas de se escrever cartas, diários e memórias, e nesse caso também no romance (GOMES, 2004, p. 17).

Se em suas memórias a autora se revela como protagonista, na sua literatura não há como negar os elementos autobiográficos das protagonistas. Evidencia-se, porém, que a arte literária dota a sua prosa da possibilidade de viver algumas vidas que ela gostaria de ter vivido. Como destaca Sevcenko,

a literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens – e nesse caso, das mulheres – que foram vencidos pelos fatos. (SEVCENKO, 2003).

Enquanto nas memórias há uma suposta fidelidade entre aquilo que “aconteceu de fato”, na prosa são enunciadas as possibilidades que não vingaram. As duas, porém, enunciam os mesmos princípios e entre eles estão: os sentimentos, os anseios, as lembranças, o tom moralizante e a vontade de instituir modelos para o leitor ideal.

As influências dos romances ingleses foram constantes no Brasil ao longo de todo o século XIX, permanecendo nos catálogos das bibliotecas e gabinetes e, certamente, em suas estantes durante todo o período. A leitura da literatura estrangeira trazia certo grau de status à elite brasileira, nutrindo-as da “civilidade” advinda da Europa visto que a colonização cultural européia foi marcante nos solos brasileiros, e que o velho mundo foi tomado pela elite brasileira como um referencial. No plano literário, essa tendência também exerceu forte influência nos escritores brasileiros oitocentistas⁷.

Nas primeiras manifestações da ficção na Bahia, David Salles vê a coexistência de dois modelos: o primeiro, decalcado de modelos europeus já ultrapassados, com ênfase nos bons princípios morais vigentes no setor mais conservador da sociedade; e o segundo, caracterizado pelo uso do diálogo, pela descrição realista da cena, pelo relativismo do comportamento dos personagens e por certo realismo social, mais próximo de *A moreninha* (Apud AUGUSTI, 1998). É fato que, com a consolidação do gênero, a partir da década de 1840, iriam predominar a verossimilhança na ação e um ajuste mais adequado entre a pintura do cenário e as situações encenadas. Os estatutos literários observados por David Salles estão presentes na literatura de Anna Ribeiro. Mesmo nos seus contos, prevalece o tom moralizante a verossimilhança. Numa crítica ao romance *Exaltação*, de Albertina Bertha publicada em 1916, Anna Ribeiro deixou clara essa noção do romance e da formatação de gênero literário:

Creio, porém, que o brilhantismo do estilo, o colorido das descrições não serão jamais o essencial em uma obra literária. O essencial será o conjunto dos bons princípios, das idéias sãs, o caráter dos personagens que, embora imaginários, devem ser verdadeira imagem dos caracteres que apresenta a humanidade em suas múltiplas variedades. Apresentar tipos inverossímeis ou então um infeliz desequilibrado, ornado das jóias estilísticas como uma cousa comum e usual, é inconveniente e até perigoso. Diz Deprês: “O romance não é mais uma fantasia de imaginação das damas, porém sim uma obra séria, cujos detalhes são documentados, e na qual os investigadores do século próximo irão encontrar escrita, dia a dia, a história do nosso século.” (BITTENCOURT, 19916, pp. 91-93)

⁷ A esse respeito ver estudo *A Formação do Romance Brasileiro*, de Sandra Guardani Vasconcelos (USP). A autora analisa a relação da produção dos romances brasileiros com a suas influencias européia – sobretudo francesa e inglesa. Faz também uma análise de alguns romancistas oitocentistas brasileiros e as estratégias de aceitação do romance como estilo literário. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/romancese.pdf>, acessado em 12 de outubro de 2007, às 15:31h.

Anna Ribeiro considerava que um bom romance deveria se enquadrar nessa díade: verossimilhança e tom moralizante. Isso era o que, segundo ela, faltava no romance ao qual se dirige a sua crítica. É a partir dessas duas características gerais que se pode compreender a literatura de Anna Ribeiro, ao criticar o romance de Albertina Bertha, a escritora estava também colocando a sua forma de entender a literatura dentro de um contexto mais amplo. Nesse ponto a verossimilhança e o tom moralizante assumem não mais um aspecto de afirmação do romance em sua trajetória de afirmação no Brasil do século XIX, mas também um caráter de afirmação missionária que objetiva instituir aos seus contemporâneos e a sua posteridade uma visão de tipos sociais aceitáveis. A articulação dessas duas premissas é fundamental para a compreensão da literatura de Anna Ribeiro, como representação cultural do seu tempo.

Dando conta dos aspectos inerentes ao gênero literário de sua opção – o romance – a autora irá buscar o realismo dos acontecimentos de seu tempo e tentará “demonstrar” a sua visão em relação aos fatos, construindo metáforas dentro de seus enredos que tentam dar conta do declínio de um mundo vívido e idealizado por ela. Além disso, procurará também, no momento da descrição da paisagem à volta dos personagens, inscrever detalhadamente um mundo perfeito imaginado pela cultura paternalista, que se vê “corrompido” por uma série de acontecimentos, os quais ela atribui ora ao governo, ora a ingratidão dos escravos, ora à situação declinante da economia açucareira.

II

Algumas estratégias de escrita e produção das narrativas de Anna Ribeiro são relevantes para essa análise. No que tange a utilização de nomes próprios como expressão simbólica, uma amostra dos três contos – *Dulce e Alina* (1901), *Violeta e Angélica* (1906) e *Marieta* (1908b) – e do romance *Letícia*, foram levantados os nomes de trinta e cinco personagens e em trinta e dois deles, havia relação entre o significado de seus nomes e o tipo social construído pela autora. No conto *Violeta e Angélica*, citado nas primeiras linhas desse artigo, por exemplo, as personagens centrais têm nomes de flores e sua mãe se chama Flora. Em determinado momento da trama a autora assume a voz de um de seus personagens: “A filha de Flora – a deusa das flores deve ter o nome de uma flor, disse o velho, que tinha sua queda para a mitologia” (BITTENCOURT, 1906). O significado dessa alegoria fica claro, se for compreendido que “na moita de espinhos” que a elite senhorial experimentou no momento em que via a mão-de-obra escrava se esvaír de suas lavouras,

as mulheres tivessem que servir como “flores” a perfumar e ornamentar o “jardim da existência”.

Há de se considerar também o fato de que a literatura de Anna Ribeiro possui um discurso notadamente paternalista e que nela está contida a construção de um mundo pensado a partir dessa lógica de dominação. Percebe-se na escrita da autora que essa lógica operava no modo como ela construía cada efeito simbólico inscrito nos traços da história, nos personagens, na voz da narradora, na naturalização de discursos e práticas. As políticas de dominação vigentes na sociedade brasileira do século XIX poderiam ser apropriadamente descritas como paternalistas.

A característica comum a tais políticas de domínio – presentes assim tanto nas estratégias de subordinação de escravos quanto de pessoas livres e dependentes – era a imagem da inviolabilidade da vontade senhorial. O mundo era representado como mera expansão dessa vontade e o poder econômico, social e político parecia convergir sempre para o mesmo ponto, situado ao topo de uma pirâmide imaginária. O paternalismo⁸ como qualquer outra política de domínio, possui uma tecnologia própria, pertinente ao poder exercido em seu nome: rituais de afirmação, práticas de dissimulação, estratégias de estigmatização de adversários sociais e políticos, eufemismos e, obviamente, um vocabulário sofisticado para sustentar e expressar todas essas atividades (CHALHOUB, 1998, p. 7-9). A rotulação dos personagens sob a ótica paternalista de Anna Ribeiro remete recorrentemente à condição de “bons” senhores e de escravos “rebeldes” e “íngrats”. À família senhorial da protagonista é atribuída a condição de “resignada”, sempre apta a fazer o bem à escravaria. Enquanto aos escravos que abandonam aos engenhos após o *13 de maio* restam-lhe o papel de vilões, excetuando-se apenas aqueles negros que de “agradecidos pela graça da liberdade e do bom tratamento recebido de seus senhores”, preferem ficar e auxiliá-los naquele difícil momento.

III

Um olhar sobre a obra de Anna Ribeiro, no momento da escrita e/ou de suas publicações, revela que ela teve três fases de publicação distintas que podem nos trazer um indício das características de suas obras. A primeira fase, a da formação da escritora, ela publicou dois romances, e isso aconteceu antes da abolição da escravatura: *A filha de*

⁸ O sentido adotado aqui é o mesmo enunciado por Sidney Shalhoub em *História Contada* “apenas o mundo idealizado pelos senhores, a sociedade imaginária que eles sonhavam realizar no cotidiano” (CHALHOUB, 1998, p. 97).

Jephté (1882) e *O Anjo do Perdão* (1885). Logo após, observa-se um silêncio literário que durou dezesseis anos até a publicação de *Helena* (1901). A partir daí a autora publica mais quatro obras: *Dulce e Alina* (1901), *Lúcia* (1903), *Violeta & Angélica* (1906), *Marieta* (1908b) e finalmente *Letícia* (1908a). Após novo jejum literário a autora volta a publicar treze anos depois, com *Abigail* (1921) e por fim, deixa uma obra inédita que teria o título de *Suzana*. Do ponto de vista da publicação são, portanto, em três fases que se definem a literatura de Anna Ribeiro.

A segunda fase de escrita literária de Anna Ribeiro propõe uma linha de interpretação acerca da experiência histórica ocorrida na Bahia no último quartel do século XIX. Esse olhar foi lançado durante a primeira década da República, momento em que a província passou a ocupar um lugar secundário na configuração nacional e que a aristocracia baiana do Recôncavo deixou de ser a expressão social e principalmente econômica de outrora. Por se tratar de um momento traumático para o grupo social ao qual Anna Ribeiro fazia parte, a literatura cumpria os requisitos ideais para dizer o que foi difícil dizer por outras vias, como por exemplo, no livro de memórias da autora. Nos dois volumes do livro de memórias de Anna Ribeiro não existe sequer uma referência ao processo de abolição da escravatura e ao período pós-abolição. A autora se restringe apenas à sua infância, juventude, casamento e convicções religiosas (BITTECOURT, 1992).

A trilogia composta por Anna Ribeiro tem como temática central a decadência da família açucareira do Recôncavo, coroada pelo romance *Letícia*, uma obra mais apurada, de sua maturidade intelectual. O tema da decadência freqüente, há muito tempo, as páginas da história, da filosofia e da literatura. Trata-se de um sintoma de desagregação, de destruição ou de declínio de uma época, representada por valores ideológicos, já inadequados à sua época, embora ainda sejam defendidos por uma determinada classe social agonizante. O testemunho de Antonio Cândido, referindo-se ao caso brasileiro, é revelador sobre este tema na nossa tradição literária:

Sempre me intrigou o fato de um país novo como o Brasil, e num século como o nosso, a ficção, a poesia, o teatro produzirem a maioria das obras de valor no tema da decadência – social, familiar, pessoal. Assim vemos em Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Ciro dos Anjos, Lúcio Cardoso, Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade. Cheguei a pensar que este “estigma” [...] seria quase requisito para produzir obras valiosas, e que, portanto os rebentos das famílias mais velhas estariam no caso em situação favorável (CÂNDIDO, 1979, p. vii).

O final do século XIX e início do século XX são caracterizados por profundas mudanças no âmbito político, social e econômico, em escala global. Nesse acelerado momento de metamorfose da sociedade, fortalece-se uma classe absolutamente hegemônica, a burguesia, solapando os últimos privilégios de uma aristocracia ainda arraigada a um mundo em que predomina a idolatria do passado por oposição a um presente desairoso. Referindo-se às personagens de José Lins do Rego, numa abordagem coextensiva às obras em foco, Antonio Candido afirma:

Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto (CÂNDIDO, 1992, p. 61).

O tema da decadência converteu-se numa temática romanesca privilegiada para retratar simbolicamente as transformações sociais e econômicas e suas inevitáveis conseqüências, ocorridas com o processo de modernização capitalista em países periféricos como Brasil.

Em José Lins do Rego, o tema da decadência é determinante em todos os planos do romance *Fogo Morto*, obra síntese do “ciclo da cana-de-açúcar”: um conjunto de seis romances que narram a substituição de um modelo econômico obsoleto, o engenho, por outro mais representativo da ofensiva capitalista na região canavieira do Nordeste, a usina. O romance oferece, ainda, ao leitor, a história de seres fracassados: heróis “de decadência e de transição, tipos desorganizados pelo choque entre o passado e um presente divorciado do futuro” (CÂNDIDO, 1992, p.61). Comenta Antonio Cândido sobre o referido romance:

Os indivíduos [...] se dispõem em planos, definidos segundo as suas relações sociais, e a sua ação é de certo modo fruto da interferência, do encontro e dos choques desses planos segundo os quais se organizam. Porque uma das forças dos livros do Sr. José Lins do Rego é que eles assentam sempre sobre uma realidade social intensamente presente e agente, condicionando a circulação das pessoas e contribuindo para a análise diferencial que delas faz o romancista (CÂNDIDO, 1992, p. 62).

José Lins do Rego nasce quase no mesmo ano em que nasceu um dos netos de Anna Ribeiro, Clemente Mariani⁹. Ela tinha idade para ser avó dele, ainda assim a temática

⁹ Clemente Mariani foi ministro da fazenda do governo Jânio Quadros, ministro da Educação e Saúde Pública do governo de Eurico Gaspar Dutra, presidente do Banco do Brasil além de ter exercido outros cargos. Foi proprietário do Banco da Bahia, banco que acabou incorporado pelo Bradesco. Hoje seus filhos administram o banco BBM, originário do banco de investimento que sobrou do antigo

que ambos os literatos abordam é a decadência do “ciclo do açúcar nordestino”. Entretanto, percebe-se que o olhar de Lins do Rego volta-se mais para fora da casa-grande do que o olhar de D. Anna. Enquanto ele descreve a dinâmica da casa de purgar, ela se volta para a dinâmica da organização doméstica e familiar provida pela senhora de engenho. Contudo, os dois evocam o senhor de engenho como o centro da vida patriarcal e que com a sua morte esse mundo também morreria com ele. A morte do Senhor Travassos pai da protagonista do romance riberiano *Letícia*, trouxe o fim a toda vida senhorial existente nos engenhos da “abastada família dos Travassos”, família que possuía as mesmas características daquela liderada pelo velho José Paulino, personagem da trilogia de Lins do Rêgo, *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Bangüê*, membro autêntico da estirpe dos senhores de engenho das narrativas do literato paraibano. Tanto em Lins do Rego, quanto em Anna Ribeiro, a morte do senhor de engenho representará também a morte do antigo engenho escravocrata e patriarcal. O saudosismo em relação à época “dourada dos engenhos” é um sentimento presente em ambos os escritores.

No que tange à “trilogia da decadência” de Anna Ribeiro, a primeira questão que chama a atenção é a seqüência cronológica que a autora passa a adotar: uma visão cada vez desanimadora da saudosa vida dos engenhos e a construção dos sentidos em relação aos eventos que, segundo ela, motivaram o fim da “saudosa época”. Em *Dulce & Alina* (1901), quase não existem referências à abolição e ao pós-abolição. Em *Violeta & Angélica* (1906), a abolição provocou um desarranjo que só atingiu uma das duas famílias senhoriais retratadas e justamente aquela que foi menos prudente e não soube se unir e se adaptar aos “tempos difíceis”, segundo a narradora da trama. Em *Marieta* (1908b), já não há mais esperanças para a família senhorial. Só lhe resta agora migrar e procurar meios de vida na cidade. Em *Letícia* (1908a), a morte do senhor de engenho por causa das “pirraças” dos escravos provoca a dispersão dos dependentes e a dissolução do mundo patriarcal.

Essas questões nos fornecem elementos para acreditar que a temática da abolição em Anna Ribeiro, não foi apenas um elemento realístico para a composição das suas obras, mas uma, ou melhor, várias tentativas de interpretação daquele período, que vão, de uma análise mais otimista em *Dulce e Alina* (1901), passando pelo crescente ressentimento em *Violeta & Angélica* (1906), a uma análise uma bem pessimista em *Marieta* e em *Letícia* (1908a). Nesse prisma, pode-se afirmar que a Senhorinha do Api foi uma historiadora do seu tempo. Em torno desses três contos e do romance, emerge uma das hipóteses abordadas nesse estudo que foi se fortalecendo no decorrer da pesquisa: nos três contos,

publicados seqüencialmente em 1901, 1906 e 1908, Anna Ribeiro escreve a história da decadência da sua família tomando como pano de fundo o processo abolicionista e a crise da economia açucareira; no romance ela estabelece uma grande síntese interpretativa contidas nos textos anteriores. Os dois últimos trabalhos são publicados nesse último ano [1908], duas décadas após a abolição da escravatura. Assim, deve-se considerar essas obras em suas duas temporalidades, a da escrita, e a da narrativa, uma vez que a *Senhorinha do Api*, também testemunhou o tempo em que se passam as histórias que ela retrata.

Rinaldo César Leite em *A Rainha destronada* analisa os embates simbólicos e políticos travados pela elite baiana nas primeiras décadas republicanas, que coincidem também com os períodos aqui estudados. Segundo o autor, a elite baiana nesse período inventa um senso de identidade local pautada em “passado de glórias” da Bahia e lamenta os infortúnios vivenciados por essa elite na época republicana, que relegou o estado a uma posição coadjuvante no cenário nacional. As lembranças das grandezas da Bahia no passado, que tão vividamente embebiam a memória das elites baianas encontravam sólidas motivações nas vicissitudes dos novos tempos. Amplas parcelas das elites baianas se ressentiam pelas transformações ocorridas no país no intervalo de poucas décadas de instalação e consolidação da República. No plano material, no econômico, no cultural, no artístico e no político, não faltavam razões para lamentar a realidade tal como então se apresentava. Nesse sentido, “rememorar intensamente os anos imperiais era uma fórmula de revivescência do que se teve um dia, já que na realidade prática tudo se apresentava enquanto perda” (LEITE, 2005, p.155).

Ao propor os discursos sobre a grandeza da Bahia no passado, deixava-se claro também o reconhecimento do seu “declínio” na conjuntura histórica de então. Por isso, muitas vezes, nos mesmos textos nos quais se enalteciam as antigas glórias, inscreviam-se os infortúnios, o desprestígio ou mesmo a decadência representada pelos novos tempos. Havia uma lembrança viva das grandezas do passado que era finalmente conservada através da tradição que rememorava os faustos momentos de outrora. Kátia Mattoso ressalva que,

Esta antiga elite estava presa a um orgulho, a uma soberba que podia tornar-se arrogância... Fonte de poder e de relativa segurança, o serviço público era considerado por estas famílias tradicionais como a única atividade compatível com sua condição e seu desejo de mundo. Os “concursos” selecionavam integrantes das famílias conhecidas. Feita a nomeação o jogo se perpetuava: o descendente de antigos proprietários (de terra, açúcar, gado) continuava favorecendo seus pares na promoção (MATTOSO, 1992, p. 12).

As condições que abalaram a elite agrária do Recôncavo baiano também afetaram a família de Anna Ribeiro. Logo depois da abolição, a escritora e seu marido, foram morar com o filho e o engenho da família foi desativado em 1894. Na década de 1910, a vida ainda não dava sinal de melhoras. Após a morte do marido em 1907, Anna Ribeiro é obrigada a mudar-se para Salvador, morar numa casa cujo terreno e construção foi financiado pelo filho, então funcionário público do estado. Entretanto, está claro que, para autora, assim como para vários membros do seu grupo social, a abolição da escravidão teria sido a causa das desgraças econômicas ocorridas com a família e que levou aos tempos de infortúnios, e isso não contradiz a sua antiga posição abolicionista, mas contradiz os seus próprios argumentos visto que, em vários de seus discursos ela admite que a situação econômica e social da sua família já eram degradantes muitos anos antes de 1888.

Mas o fato é que a literatura de Anna Ribeiro nesse ponto atua como catalisadora dos sentimentos de um grupo social que se julgava injustiçado. Os indivíduos que compõem a sua literatura adquirem então significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo (CÂNDIDO, 1967). Não é por coincidência que o romance *Letícia*, mesmo tendo uma visão paternalista da abolição da escravidão e do advento da República, é tido como o romance mais maduro da obra de Anna Ribeiro conforme está registrado na galeria dos cem baianos mais “ilustres” de todos os tempos, que – diga-se de passagem – inclui a escritora baiana em seu seleto rol,

Escritora delicada e sutil, dona de um estilo próprio e de ideação brilhante. Impressionista, soube tecer as suas obras com arte, dando-lhes um colorido vivo. “*Letícia*” e “*Abigail*” são as suas obras principais. (...). Rememorar-lhe, hoje, o nome, é salientar a figura de uma das maiores expressões nas letras femininas baianas, quiçá nacionais, que está a exigir um estudo mais aprofundado e desenvolvido, capaz de mostrar aos contemporâneos o seu valor, como expressão de relevo na cultura baiana (SOUZA, 1949, P.136-7). [Grifo meu]

Os rasgados elogios a escritora baiana, não são as únicas informações importantes dessa citação. A importância dada a *Letícia* também merece consideração. De fato, o romance *Letícia* foi bastante aceito pela crítica baiana, a exemplo do já citado Almachio Diniz o coloca como “bem mencionado” e livro “sem defeitos” e romance “sem comparação em solos baianos”. Essas referências nos indicam de fato, que a autora transcreveu os sentimentos da elite baiana naquele momento na narrativa ora citada, cumprindo a função literária de, nas palavras de Antônio Cândido “reorganizar o mundo em termo de arte” (CÂNDIDO, 1967, p. 195). Sobre isso, esse autor afirma que,

a literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada que mantém a estrutura da obra (CÂNDIDO, 1967, p.206).

Nessa linha de raciocínio não é impróprio afirmar que em a sua literatura autora baiana tentou cumprir o papel de dar uma versão paternalista a história da Bahia nos fins do século XIX e, mais importante que isso, tentou inscrever em suas narrativas os sentimentos de um grupo acerca de sua própria história, bem como o sentido que conferiam a ela.

Os anos compreendidos entre 1897 e 1905 foram marcados pela escassez econômica na Bahia, não só por causa das dificuldades de produção e comercialização do açúcar, mas também por causa das secas que atingiram o litoral; das restrições ao crédito e os preços estagnados do fumo¹⁰. No momento da escrita do *Violeta & Angélica* a autora, assim como a sociedade baiana, estava vivendo o auge dessa crise. Essas afirmações nos ajudam a entender o “sentimento de crise” expressa na referida narrativa.

Entre 1900 e 1906, Anna Ribeiro e seu marido viveram um constante deslocamento entre o antigo Engenho Api e a casa de seu filho na capital, mas até então o engenho produzia outros víveres que foram retratados em *Dulce e Alina*. A diferenciação das versões para a história esta ligada, entre outras coisas, ao período difícil enfrentado pela autora em 1907. É perceptível que a autora trouxe para a sua ficção a morte do seu marido em 1907, como a dissolução final do engenho Api, que havia parado de fabricar açúcar há muitos anos, mas que ainda comportavam os seus senhores, mesmo em dificuldades. Por falar na morte de seu marido, Sócrates Bittencourt, cabe lembrar que logo após o acontecido a autora teve que se mudar para a Cidade da Bahia, assim como aconteceu à protagonista de *Letícia*, quando da morte de seu pai. A narradora de *Marieta* afirma que “os nossos campos tem se esvaziado por causa da mudança dos pobres lavradores, e é justo, cada um tem que procurar suas melhoras” (BITTENCOURT, 1908b). A inevitável mudança do campo para a cidade punha finalmente um ponto final na vida patriarcal que autora e personagens tiveram.

IV

Como já foi dito, a segunda fase de escrita literária de Anna Ribeiro (1901-1908) seguiu uma linha de anseio interpretativo acerca da experiência histórica da Bahia ocorrida na Bahia no último quartel do século XIX. *Violeta e Angélica* e *Marieta*, publicados pelo

¹⁰ A esse respeito ver MATTOSO, 1878. p. 350-351 e LEITE, 2005. pp. 248-250.

Jornal de Notícias respectivamente em 1906 e 1908, são dois contos que seguem o mesmo estilo do conto *Dulce & Alina* publicado pelo jornal *A Bahia*, em 1901. Os três seguem o mesmo estilo de escrita e a mesma temática moralizante defendida pela autora de ter na mulher a restauradora de uma sociedade em crise. Quando a mulher tem que “salvar” o mundo patriarcal, antes regido e comandado pelo homem, é porque esse mundo realmente já dava amplamente sinais de desgaste. Mas a questão central que traz um diferencial na publicação desses três romances não estava só na sincronia temporal de sua publicação ou em serem publicados em 1910, segundo período de publicação intensa da escritora. A temática histórica central nos três contos é sempre a mesma: o período subsequente à abolição da escravatura. Nesse mesmo período a autora ainda publicou *Letícia*, que foi considerado pela crítica como a sua obra-prima, e esse tinha também como temática central as experiências do pós-abolição. À medida que se consulta as fontes, fica mais evidente, a vontade da autora de interpretar aquele momento histórico, não só para tentar compreender como um mundo de glórias – que ela viveu quando jovem –, se dissolveu, mas também para tentar reorganizar suas próprias experiências pessoais e familiares com o auxílio da literatura.

A primeira questão que chama a atenção nas narrativas analisadas é que, em seqüência cronológica, a autora passa a ter uma visão cada vez menos animadora acerca do período interpretado. Em *Dulce & Alina* (1901), quase não existem referências à abolição e ao pós-abolição. Em *Violeta & Angélica* (1906), a abolição provocou um desarranjo que só atingiu uma das duas famílias senhoriais retratadas e justamente aquela que menos foi prudente, não sabendo se unir ou se adaptar aos “tempos difíceis”, segundo a narradora da trama. Em *Marieta* (1908b), já não há mais esperanças para a família senhorial. Só lhe resta agora migrar e procurar meios de vida na cidade. Em *Letícia* (1908a), a morte do senhor de engenho por causa das “pirraças” dos escravos provoca a dispersão dos dependentes e a dissolução do mundo patriarcal.

Os títulos dos contos, por exemplo, vêm acompanhadas pelo termo “cenas do Recôncavo”, adjacência que – não por acaso –, desaparece no título de *Marieta*, quando ela já não mais “testemunhava” tais cenas, pois já morava em Salvador. Mesmo que a narrativa se inicie ainda no campo – no Recôncavo – a autora não dá continuidade a série “cenas do recôncavo”, pois esse mundo já fora desintegrado para ela. Em *Letícia*, no mesmo ano da publicação de *Marieta*, a autora ainda permanece nessa temática. Seu romance que ficou inédito, teve uma temática centrada na vida urbana, ou seja, com as publicações de 1908, a autora encerrou o seu anseio interpretativo sobre o processo da abolição e pós-abolição. Nunca mais se leria novas histórias sobre as “cenas do Recôncavo”.

Um dos pontos mais contundentes da obra de Anna Ribeiro é a sua identificação com as personagens, infundindo um tom autobiográfico em suas obras. Um bom exemplo dessa questão está na construção das famílias senhoriais que protagonizam as narrativas. Os sobrenomes de todas elas têm, não coincidentemente, ascendência portuguesa da mesma região de onde vieram os antepassados da autora. Todos eles têm sobrenomes – o da sua própria família e os das fictícias –, de cristãos novos, nomes originários da relação colonial Portugal/Brasil. Elas também são caracterizadas como nobres e abastadas famílias do Recôncavo, cujos personagens são seus descendentes. A vontade de nobreza, centrada nas glórias do passado são também uma constante. Esses elementos são importantes, pois evidenciam uma relação entre a identidade da autora com as suas heroínas e fortalecem a idéia de seriação interpretativa entre os três contos e o romance.

Outra questão que vale ressaltar refere-se a possibilidade de que em *Letícia* Anna Ribeiro teria sintetizado a sua interpretação sobre as experiências vividas por ela nas últimas décadas do século XIX. Ou seja, ela sintetizou em *Letícia*, as interpretações contidas nos três contos publicados ao longo da década de 1910. Praticamente todos os elementos históricos contidos neles estão presentes nas linhas de *Letícia*. Desde o poder senhorial e sua ideologia paternalista – visto em *Dulce e Alina* –, a ingratidão dos escravos – observado em *Violeta e Angélica* –, até a migração para a cidade – retratado em *Marieta*. Os tipos sociais também são sintetizados: existe o nobre e forte senhor, os senhores escravocratas “atrasados”, o escravo ingrato, o agregado manipulador, a mulher forte capaz de tomar conta dos negócios da família ou de trabalhar para fora se possível for... Em todos eles estão também presentes a tentativa da autora em dar uma versão para a história da Bahia dos fins do século XIX.

Anna Ribeiro tinha uma visão de que os tipos registrados por ela deveriam ser aqueles que melhor “representassem” a sociedade. Entretanto, ao delinear tipos sociais “não aconselháveis”, a autora deixou registrados outros tipos que divergiam da sua forma de pensar o mundo, e que certamente estavam presentes na visão dos leitores de sua época, mesmo que negativamente.

Alguns indícios suscitaram à idéia de explorar a possibilidade de que ela tinha consciência de que movia as suas personagens em direção à instituição de certos tipos sociais, cujos formatos iniciais de expressão seriam a sua nomeação a pretexto de uma individualização tipológica. No artigo *Exaltação*, onde Anna Ribeiro analisa o romance de Albertina Bertha, ficam claras as suas idéias acerca da utilização dos tipos nas narrativas literárias:

O essencial será o conjunto dos bons princípios, das idéias sãs, o caráter dos personagens que, embora imaginários, devem ser verdadeira imagem dos caracteres que apresenta a humanidade em suas múltiplas variedades. (...) Apresentar **tipos inverossímeis** ou então um infeliz desequilibrado, ornado das jóias estilísticas como uma coisa comum e usual, é inconveniente e até perigoso. (...) Que triste idéia farão os vindouros da mulher de nosso século, se julgarem **verossímeis os tipos representados** por alguns romances, entre os quais podemos citar a *Exaltação!* (BITTENCOURT, 1916, PP. 91-93) [grifos meus]

Nesse artigo Anna Ribeiro faz críticas ao romance *Exaltação*, por achar que os tipos expressos nele não correspondiam com a realidade, pois eram muito “desfrutáveis”, o que podia dar a idéia aos leitores “do próximo século” de que as mulheres daquele tempo eram tão frívolas quanto as personagens daquela trama. Ou seja, Anna Ribeiro acusa a romancista Albertina Bertha de tentar passar a posteridade, tipos “inverossímeis” que não correspondiam com a maioria das mulheres – leitoras – contemporâneas. Um dos pontos que chamam a atenção na citação acima é que para a autora as personagens das narrativas literárias deveriam expor um “conjunto dos bons princípios”, “das idéias” e do “caráter” que se aproximassem da humanidade. Considera ainda que as personagens possam expressar as “múltiplas variedades” de qualidades dessa mesma humanidade, ou seja, ela defende que dentro das narrativas devem existir personagens que expressem as diferentes personalidades que a realidade poderia oferecer ao olhar (re)criador do escritor literário. A terceira consideração ainda em relação as referências trazidas na citação diz respeito a verossimilhança que os “tipos” deveriam compor. Propositamente o termo “tipo” aparece repetidamente acompanhada do termo (in)verossímil, o que ao que tudo indica não era uma coincidência: a disposição das palavras era uma forma de deixar claro ao leitor que os tipos sociais apresentados nas narrativas literárias, não deveriam de forma alguma ser inverossímeis, ou seja, não deveriam deixar de se aproximar da realidade, de (re)criá-la.

Esses preceitos foram seguidos à risca pela escritora em seus próprios romances, demonstrando como ela inscrevia tipos sociais em seus romances e como ela os individualizava, guardando personalidades distintas retiradas das “inspirações pessoais”, sociais e das leituras feitas pela autora. Ao tornar inteligível o jogo de nomes empregados por Anna Ribeiro em suas tramas estabelece-se maior compreensão da lógica de suas histórias. A análise a seguir demonstra que a construção literária da autora é bem mais sofisticada do que se pensava. Nas obras publicadas na década de 1910, Anna Ribeiro levou a cabo a intenção de construir seus “tipos” de acordo com a vigência da trama e, ao mesmo tempo, buscando a individualização das personagens, para que assim demonstrasse os modelos desejados. Constata-se que todos os personagens de Anna Ribeiro que compõem as narrativas da segunda fase de sua produção, têm significados

fortes que demarcam as suas personalidades, somando-se a um emaranhado de caracterizações sociais, emocionais, psicológica etc. Tanto os personagens centrais, quanto os secundários mereceram esse cuidado da escritora. Os textos ganham sentidos bem mais profundos e inteligíveis se forem estudados nessa perspectiva.

A construção dos personagens em Anna Ribeiro obedecia a uma convenção e nomeava cada um deles conforme houvesse relação entre o significado dos nomes e os respectivos tipos sociais que esses deveriam representar no contexto de cada trama. Essa estratégia estilística poderia escapar ao leitor, mas também poderia – e pôde, no caso dessa pesquisa – enriquecer a leitura de quem atentasse para esse detalhe. Assim, Anna Ribeiro convidava as pessoas a ler nas entrelinhas, alegorias e metáforas que fortaleceriam as idéias que defendia em cada uma de suas histórias.

Machado de Assis também se utilizou desse artifício para enriquecer o teor simbólico de suas histórias conforme mostra Sidney Chalhoub. Em *Helena*, ele destaca um episódio que aconteceu entre a jovem Helena e Estácio, quando a moça pede a ele que o ensine a montar cavalgar. Um pouco mais adiante o rapaz acaba descobrindo que Helena sabia montar muito bem. A personagem machadiana acaba enganando Estácio apenas para satisfazer a sua vontade, fazendo-o pensar que ele estava, como professor, a ensiná-la equitação. O fundamental neste contexto é que Helena sabe induzir em Estácio o comportamento que interessa a ela; em outras palavras, a garota conhece perfeitamente as cadeias de causa de efeito que constituem a estrutura mental do mancebo.

Chalhoub destaca que existia uma alegoria implícita no evento descrito: em Moema, nome da égua de Helena, estava tipificado o verdadeiro caráter da moça. Pois Moema significa “mentira, no tupi guarani. Outro significado em português para esse nome seria “suave e meiga”. “Suave e meiga, mas dissimulada e mentirosa, eis a Helena que Estácio não conseguia decifrar. Por outro lado, Chalhoub observa que “Estácio” era na gíria carioca o “sujeito tolo” e “fácil de roubar”. Estácio pouco ou nada entende dos movimentos de Helena. Ou seja, Helena analisa a ideologia senhorial e persegue objetivos próprios *por dentro de tal ideologia*, permanecendo por isso indecifrável para Estácio (CHALHOUB, 1998 pp. 99-104).

Em *Dulce e Alina*, os nomes dos pais das protagonistas identificam e individualizam as personagens no intuito de reforçar a sua tipologia. Dona Emília é uma mulher altiva e soberba, que afronta constantemente o próprio esposo, principalmente depois que descobre que ele teve um filho fora do casamento e que freqüentava o prostíbulo juntamente com o seu agregado. O nome de dona Emília quer dizer justamente “enciumada” e “rival”, e é não só uma alusão ao comportamento da “nobre” esposa, como também um indicativo da

disputa que ela trava pelo poder dentro da sua própria casa que deveria pertencer ao seu esposo. O senhor Álvaro, como chefe da família, deveria proteger a sua prole e a sua esposa, administrando o seu dote, com o qual ficou rico, mas perde os direitos a partir do momento que deixa a sua posição de senhor. O nome “Álvaro” significa “aquele que defende a todos”, anunciava a dominação do senhor ante a sua prole e tudo que está sob seus domínios. Ao não cumprir a sua posição de chefe respeitável, e deixar que o nome da família fosse desrespeitado publicamente ao batizar na igreja a sua filha bastarda na frente de todo o arraial, o senhor perde, na opinião da sua esposa – e também da narradora –, os seus direitos de “rei do lar”, fato que faz com que ela nunca se cale e sempre questione o marido, retrucando todas as vezes que essa tentava justificar os seus atos de maneira vil.

Dona Emília tinha sido a grande herdeira da riqueza administrada pelo marido, e esse havia casado com ela por causa das vantagens de tal consórcio. Esse detalhe é constantemente utilizado por ela para tentar humilhar o marido. E ele argumenta que aumentou em três vezes aquela fortuna o que lhe garantiria todos os direitos sobre a herdade. Tal discurso dá margem a pensar que as mulheres que viveram o mundo patriarcal não eram tão submissas à vontade do marido, no entanto a projeção de sua submissão na ideologia masculina remete a uma idéia de uma débil condição, que só se processava dentro do mundo ideológico criado como expressão de sua vontade. Estudos recentes demonstram que várias mulheres chegaram até mesmo a dirigir engenhos com seus escravos e demais dependentes (REIS, 2000). A própria mãe de Anna Ribeiro, D. Anna da Anunciação, não aceitava algumas ordens do marido, questionando suas posições, o que fica implícito no livro de memórias da autora e é confirmado pelo discurso de seus descendentes. A sua situação conjugal com o senhor Mathias de Araújo Góes era muito instável, tanto que ela foi morar com a filha quando ela se casou. Anna Cabral contou a relação entre as bisavós,

Maria da Anunciação sabia trechos e trechos de cor da bíblia, (...) Mas, com uma forte personalidade não fora feliz no casamento. Viviam praticamente separados, ela e o marido, dentro da casa do Engenho, pois era extraordinariamente ciumenta e não se conformava com a poligamia que reinava entre os senhores naquela época. Minha avó dizia: “minha mãe era boa para todo mundo, mas não tinha paciência com meu pai”. Teve, porém, uma grande missão a cumprir: amparar o pai, os irmãos mais novos, ser uma mãe extremosa e depois uma avó incomparável (CABRAL, S/D, p. 11).

Entretanto, a história fica interessante realmente quando se percebe que o comportamento das suas filhas é na verdade uma alusão à natureza e personalidade de seus pais. Até mesmo os nomes das suas personagens estão relacionados a esse contexto.

A narradora conta de uma maneira um tanto quanto “desinteressada” o perfil das duas meninas afirmando ser uma mais parecida com a mãe e a outra com o pai. O que parece ser a descrição de duas irmãs que se antagonizam na verdade reforça a exposição da identidade que a narradora traça sobre o casal senhorial e, de certa forma, isso faz com que eles acabem ocupando a cena central da trama. O texto expressa melhor do que qualquer explicação:

Ora, Dulce, a primogênita de Figueiredo era um argumento vivo em favor de tal asserção. Muito parecida com sua mãe, prometia excedê-la em formosura e em dotes morais quando sua inteligência começou a manifestar-se. (...) Alina parecia-se com o pai, porém com probabilidade de ser mais bela (BITTENCOURT, 1901).

Essa explicação se torna inteligível quando entendemos porque Alina é chamada pela narradora de “vadia” de “inteligência inferior”, ao passo que Dulce é chamada de “inteligente” e “Angélica”, ou seja, “um anjo”. O jogo de palavras se desfaz quando encontramos o significado dos nomes das raparigas: enquanto Dulce vem do latim “meiga”, “doce” ou “tenra”, que é o que dona Emília era antes de descobrir as traições do marido. Alina quer dizer “agulha” ou ainda “aquela que fere”, que foi o que o senhor de engenho fez ao trair a esposa que o salvou de uma vida de pobreza, após casar-se com ela e herdar toda a fortuna do seu pai. Em suma, uma mulher doce e amável se torna rival do poderio e da chefia do senhor, no entanto ele fere a “santidade e a perfeição da família patriarcal”, o que provoca o desarranjo de papéis na casa-grande e o questionamento da senhora acerca do poder do marido.

As traições e as desavenças conjugais não se restringem apenas a literatura de Anna Ribeiro: elas fizeram parte de sua vida. Ao analisar as fontes, nota-se que a temática apresentada anteriormente, não se prende só ao mundo ficcional. A vinculação entre realidade e literatura, está fortemente arraigada pela tentativa da autora em ficcionalizar a situação de crise conjugal existente entre seus pais, Mathias de Araújo Góes e Anna da Anunciação:

Demais ele [Mathias] poder qualificar-se de mal-casado, segundo confessa minha mãe, não vivia com ela comunhão doce de idéias de sentimentos que deve ser o *dessiteratum* dos casados. A divergência de idéia ocasionava às vezes ligeiras discussões, felizmente sem conseqüências. [...] Lembro-me de que só via meu pai nas refeições apressadas, como costumavam ser as dos lavradores ativos, e que só nestas ocasiões dirigia-me ele alguma palavra de carinho ou gracejo; fui apegando-me cada vez mais a minha mãe, amando-a muito mais do que a ele. Era, de minha parte, uma ingratidão, embora inconsciente, porque meu pai me adorava. Hoje vejo nisto uma manifestação das funestas conseqüências que, para os filhos, resultam da desunião dos pais, coisa em que os conjugues não cogitam

quando, cedendo às paixões e caprichos, rompem, diante dos seus filhos, os laços que deviam manter inquebrantáveis para fazer a felicidade da família. **Em um dos meus contos, *Dulce & Alina*, procuro desenvolver este assunto** (BITTENCOURT, 1992, p.37-38). [Grifo meu]

Sobre as tais “ligeiras discussões” entre os seus pais, que Anna Ribeiro menciona, pelo jeito não eram o que poderia se chamar de “sem conseqüências”. A relação conjugal dos senhores do Api era bastante precária, como afirma Anna Cabral, neta de Anna Ribeiro:

Mas, com uma forte personalidade não fora feliz no casamento. Viviam praticamente separados, ela e o marido, dentro da casa do Engenho, pois era extraordinariamente ciumenta e não se conformava com a poligamia que reinava entre os senhores naquela época (CABRAL, S/D, p. 11).

A nobre senhora do Api não aceitava as traições do seu esposo, perante as escravas, por julgar uma depravação moral, fato que a levava a um casamento de “aparências”. Quando Anna Ribeiro foi morar na capital, após se casar com Sócrates Bittencourt, sua mãe preferira ir “passar uns tempos com ela”. É inegável que aqui realmente a arte conta a vida. Em *Dulce & Alina*, Anna Ribeiro reconta e recria a história de seus pais, e revela as contradições desse mundo que, no seu livro de memórias parece perfeito. Assim se revela a literatura ribeiriana: ela serve como uma válvula de escape para expressar as “experiências” da autora; recria possibilidades na ficção diferentes das que ocorreram na vida de Anna Ribeiro e de seus contemporâneos; serve de fio condutor entre o acontecido e o não acontecido. São as memórias subterrâneas de uma ex-senhora de engenho a refletir sobre a vida e a sociedade em que viveu.

Referências bibliográficas

AUGUSTI, Valéria. *O romance como Guia de Conduta – A moreninha e Os dois Amores*. (Dissertação de Mestrado em Estudo de Linguagens), Universidade Estadual de Campinas: 1998.

BITTENCOURT. Anna Ribeiro de Araújo Góes. *Dulce & Alina*. A Bahia. Salvador. Nov/1908.

_____. Exaltação. In: *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*. Bahia: Tipografia Beneditina. ano IV, n. 6. set. 1916. p. 91-93.

_____. *Letícia*. Litho-Typ. E Encadernação Reis & Cia. Salvador, 1908.

_____. *Longos Serões do Campo: Infância e Juventude Organização e notas* Maria Clara Mariani, - Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. *Marieta*. Jornal de Notícias. Salvador. Nov/1908.

_____. *Violeta e Angélica*. Jornal de Notícias, Nov/1906.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHALHOUB, Sidney. “Diálogos políticos em Machado de Assis”, in CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Pereira (org). *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp.95-122 e CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis - historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Coleção Ensaio. Vol. 3. 2ª ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1967.

_____. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

_____. Um romancista da decadência. In: *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 1992.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1879-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (Orgs.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LEITE, Rinaldo Cezar Nascimento. *A Rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. (tese de doutorado – PUC-SP), 2005.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: Uma Província no império*. 2ª Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1992.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e história cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

REIS, Ana Lúcia S. *O Romance de folhetim no Brasil do século XIX – modelos e inovações*. In: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/textos/anareis.doc>, acesso em 15 de março de 2008, às 10:31h.

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMERCIO. IPAC-BA – *Inventário de proteção do acervo cultural: monumentos e sítios do Recôncavo, I Parte*. 2ª edição, Salvador, 1982.

CABRAL, Anna Mariani. In: Prefácio. *Contos: A primeira injustiça; Os sonhos de Josephina; Prefácio de Anna A. Cabral*. Datil. S/D).

SALLES, David (orgs.) *Primeiras Manifestações da Ficção na Bahia*. São Paulo, Cultrix-INL-MEC, 1979.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ªed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SOUZA, Antonio Loureiro. *Baianos ilustres: 1564-1925*. Salvador: Beneditina. 1949.

Recebido em: 24/05/2008

Aprovado em: 18/06/2008